

Evento: XXV Jornada de Pesquisa
ODS: 5 - Igualdade de Gênero

A RELAÇÃO ENTRE GÊNERO E AS NOVAS TECNOLOGIAS: A ÉTICA DO CUIDADO DAS ASSISTENTES INTELIGENTES NA ERA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL¹

THE RELATIONSHIP BETWEEN GENDER AND NEW TECHNOLOGIES: THE ETHICS OF THE CARE OF INTELLIGENT ASSISTANTS IN ERA OF ARTIFICIAL INTELLIGENCE

Gabrieli de Camargo², Mateus de Oliveira Fornasier³, Carelisa Stoffel de Siqueira⁴, Ana Paula Kravczuk Rodrigues⁵, Flávio Fagundes⁶, Eduardo de Camargo⁷

¹ Esboço de projeto preliminar para a disciplina de Direitos Humanos na Sociedade Complexa do Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos da UNIJUÍ/RS.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos da UNIJUÍ/RS. Bolsista CAPES.

³ Docente do Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos da UNIJUÍ/RS. Orientador do projeto base.

⁴ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da UNIJUÍ/RS. Bolsista CAPES.

⁵ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos da UNIJUÍ/RS. Bolsista CAPES.

⁶ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos da UNIJUÍ/RS. Bolsista CAPES.

⁷ Graduando em Licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Resumo: A pesquisa tem como proposta inicial analisar algumas dinâmicas entre gênero e novas tecnologias, fundamentalmente das assistentes pessoais virtuais operacionalizadas pela inteligência artificial. Desse modo, buscou-se verificar como a produção desses softwares implicam em estereótipos padronizados de gênero feminino em relação ao trabalho afetivo do cuidado. Categorizados dentro do Objetivo do Desenvolvimento Sustentável 5, o trabalho se embasa em algumas categorias teóricas-reflexivas do pós humanismo, da ética do cuidado e do trabalho afetivo. Ademais esse projeto inicial utiliza-se da metodologia hipotético-dedutiva, com base na técnica de pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: Ética do Cuidado; Gênero; Inteligência Artificial; Novas Tecnologias; Transhumanismo;

Abstract: The initial proposal of the research is to analyze some of the dynamics between gender and new technologies, mainly of virtual personal assistants operationalized by artificial intelligence. Thus, we sought to verify how the production of these softwares implies standardized stereotypes of female gender in relation to the affective work of care. Categorized within the Sustainable Development Goal 5, the work is based on some theoretical-reflexive categories of post-humanism, the ethics of care and affective work. Moreover, this initial project uses the hypothetical-deductive methodology, based on the bibliographic research technique.

Keywords: Ethics of Care; Gender; Artificial Intelligence; New Technologies; Transhumanism.

INTRODUÇÃO

Carismático nas análises sobre as tecnologias envolvendo inteligência artificial, o cinema vem nos brindando com obras esplêndidas para enunciar esse debate tão urgente da contemporaneidade. Destas obras artísticas, em especial para a relação aqui estabelecida entre gênero e novas tecnologias,

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 5 - Igualdade de Gênero

abordamos o longa-metragem premiado de 2013 intitulado HER (em português, Ela). A obra é dirigido por Spike Jonze e detém como plot a história-vivência do protagonista, um homem de meia-idade [Theodore] em uma confusa relação consigo e com sua assistente pessoal, uma inteligência artificial [Samantha] um novo sistema operacional de personalidade própria. No emaranhado sequencial, ao delongar do enredo, os dois personagens principais Theodore e Samantha estabelecem uma grande afinidade, uma intimidade aberta, uma relação complexa de amor. Enredado pelo solidão nítida do personagem principal após o término de seu casamento, o longa produz a sensação no espectador sobre o vazio existencial do desapego social frente às mudanças abruptas da vida na era digital.

Mas o que buscamos ilustrar aqui, são reflexões filosóficas que decorrem desse longa-metragem meticuloso quanto às dispostas relações sociais e relacionais que surgem entre o protagonista humano e sua assistente pessoal, uma tecnologia. Nesse sentido, nos apoiamos em uma perspectiva crítica das teorias de gênero sobre o cuidado/afeto/trabalho para reflexionar sobre essa dimensão. Atualmente vislumbramos um grande uso da inteligência artificial; fato esse, que grandes empresas detentoras desses softwares de tecnologias concorrem como as maiores agenciadoras de crescimento nos mercados globais nos últimos anos. As novas tecnologias, nesse sentido, essencialmente as de comunicação e de informação ganham cada vez mais espaço nas nossas vidas cosmopolitas e digitais (fundamentalmente dos nativos digitais). Desse modo nos questionamos, por qual motivo ainda a base do cuidado/assistência mesmo no meio digital é configurada ao feminino?

Verificamos essa reflexão nas inúmeras assistentes pessoais de AI [artificial intelligence] que surgiram no mercado nos últimos anos, semelhante à Samantha, seja na voz expressa e relativo à identidade produzida pelo nome, remetem a formatação do feminino. Seja a Cortana, a assistente da Microsoft; a Siri da Apple; e a Alexa da Amazon; alguns exemplos dessa experiência contemporânea que inúmeros humanos e transhumanos convivem diariamente. Para tanto, nos apoiamos em algumas bases reflexivas já propostas por autoras e autores contemporâneos sobre as mudanças categóricas das relações humanas, bem como, teóricas feministas que retratam a questão do cuidado e do afeto nesse período pós-fordista. Sobre uma perspectiva crítica elucidamos como a reprodução de estereótipos vislumbres das assistentes pessoais, de certa maneira, fazem a manutenção sistemática de ideários complexos performado por mulheres na virtualidade da vida programada.

METODOLOGIA

Esse ensaio busca reflexionar sobre alguns questionamentos, dentre esses, os condicionantes da configuração do feminino na era digital. Para tanto, centrado no projeto sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas, nos enquadrados no Objetivo 5: Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas. Além disso, no mesmo objetivo verificamos dentro da meta prática 5.b que visa “[aumentar] o uso de tecnologias de base, em particular as tecnologias de informação e comunicação, para promover o empoderamento das mulheres” (ONU, 2018, p. 25). Vinculando então esses questionamento na intenção de promover o uso de tecnologias de base, incidimos a crítica sobre quais tecnologias estamos como sociedade em rede, desenvolvendo e consumindo, mesmo porque, são estas que como no longa-metragem HER situam-se na conformação de novos vínculos relacionais e sociais. Para tanto esse ensaio específico se fundamente ao método científico hipotético-dedutivo, de abordagem qualitativa e com base na técnica de pesquisa bibliográfica para tal elaboração.

Evento: XXV Jornada de Pesquisa
ODS: 5 - Igualdade de Gênero

DESENVOLVIMENTO

Vivemos em uma era complexa aos contornos da ciência e da sociedade. As manifestações dos organismos e dos sistemas não podem mais ser explicados facilmente por condicionantes binários de operação, pois apesar de difusos, encontram-se sobrepostos em tecnologias e paradigmas comuns. Vejamos bem essa fundição com a demonstração de Byung-Chul Han quando o mesmo em 2015 escreve a obra intitulada *Sociedade do Cansaço*. O autor propõe que a era patológica do paradigma imunológico do século passado (ataque e defesa) se delineou frente a mudança deste ao fim da Guerra Fria. Pois sim, em 2015 não saberíamos de toda retórica incorporada de uma pandemia global nos posto a prova como humanidade em 2020, e ainda assim o autor afirma, como inúmeros cientistas sanitários que “[fenômenos] como a luta contra o surto de uma nova epidemia, a resistência contra um pedido de extradição de um chefe de Estado estrangeiro, acusado de violação dos direitos humanos, o reforço contra a imigração ilegal, [etc.]” (HAN, 2015, p. 11).

A tese do autor segue original quando o mesmo impera que hoje, no momento dessa mudança paradigmática de um mundo organizado imunologicamente em uma topografia específica do outro/perigo baseado na dialética da negatividade, as tecnologias e dispositivos [técnicas de controle social] ocorrem concomitantemente. Baseado nesta condição específica na qual a sociedade segue organizada nesta base imunológica, a negatividade do outro afirma-se na negação da negação, sem perigo para a vida quando observado de uma defesa imunológica. Nesse programa onde o inimigo se torna viral [rede e virtual] dentro de uma sociedade que se desenvolve permissiva e pacificada,

[a] violência viral, que continua seguindo o esquema imunológico de interior e exterior pu de próprio e outro, e pressupõe uma singularidade ou alteridade hostil ao sistema, não está mais em condições de descrever enfermidades neuronais como depressão, TDAH ou SB. A violência neuronal não parte mais de uma negatividade estranha da sistema. É antes uma violência sistêmica, isto é, uma violência imanente ao sistema (HAN, 2015, p. 20).

Quanto a essas considerações, podemos observar a complementaridade da sociedade disciplinar e do desempenho [negatividade] pela consideração da relação da obediência da produção capitalista como modus do inconsciente social de maximização. Antes a potência era na ordem, negativa; hoje a potência é no desempenho, positiva. Com esse desenvolvimento da positividade do poder pela sociedade do desempenho, o sistema social se torna cada vez mais eficiente, produtiva pela pressão do desempenho da própria iniciativa, o novo mandato da sociedade pós-moderna do trabalho. Nesse sentido, os adocimentos psíquicos vislumbres e resolutos da própria exploração do eu [onde o explorador é ao mesmo tempo o explorado] se torna uma manifestação patológica da liberdade paradoxal desse século (HAN, 2015, p. 30).

É nessa perspectiva paradigmática da sociedade do desempenho que assentamos nosso ensaio. Na sociedade de desempenho, são as novas técnicas que suportam o período dedicado aos objetos da multitarefa. O homem moderno, aquele da obediência antes sobrecarregado por algo específico do trabalho fordista, agora é multitarefa, um animal selvagem incapaz de suportar o tédio e enfrentar algo que exija uma hipertensão. Como Theodore, personagem do longa-metragem HER (2013) que se perde por horas em recompensas rasas de gratificação, nossos humanos passam grandes períodos em plataformas de entretenimento de computador, consoles e celulares, garantindo um gozo seguro e sem risco. Theodore representa o animal laborans pós-moderno, visto que “[não] abandona sua individualidade ou seu ego para entregar-se pelo trabalho a um processo de vida anônima da espécie.

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 5 - Igualdade de Gênero

[...] É hiperativo e hiper neurótico” (HAN, 2015, p. 43;44).

Essas constatações combinados às novas estruturas do poder desenvolvem aceleramentos em relação à carência do ser, individualizado e que depende de si, não retendo identidades fixas como família, religião e trabalho. Esse período desenvolve novas coerções, dentre eles a dialética simbólica do senhor e escravo habitarem o mesmo ser. Nessa autoexploração, o sujeito pós-moderno habita a sociedade do cansaço. Essa sociedade é altamente indicada para o desempenho, quase uma máquina esgotada. Para o autor,

O cansaço profundo afrouxa as presilhas da identidade. As coisas pestanejam, cintilam e tremulam em suas margens. Tornam-se mais indeterminadas, mais permeáveis, e perdem certo teor de sua divisibilidade. Essa especial in-diferença concede-lhes uma aura de amizade. A rija delimitação frente aos outros é suspensa. [...] Esse cansaço cria uma amizade profunda e tornar pensável uma comunidade que não precisa de pertença nem de parentesco. Homens e coisas mostram-se unidos através de um e amistoso (HAN, 2015, p. 75).

Ascensão das novas tecnologias e a relação com o humano

Estamos nos transformando como sociedade ou adequando ferramentas para nossos projetos? Entre a filosofia e a cibernética, novos cientistas repercutem a ideia do transhumano. Como Yuk Hui (2016, p. 42) salienta, “[a] modernidade termina com a ascensão de uma consciência tecnológica, significando a consciência do poder da tecnologia e a consciência da condição tecnológica do ser humano”. Os processos envoltos nos organismos sistêmicos, apresentam novas considerações sobre o estabelecimento da condição do humano em meio à diversas mudanças de organização. Sendo humano e máquina querela do mesmo discurso, a retórica do poder se transpõe sob comportamentos em rede e não mais categorizado em hierarquias. O antropoceno é deslocado e novas lógicas surgem, como a ação/agência compartilhada entre humanos e não-humanos (MESSIAS; MUSSA, 2020, p. 117).

A lógica tecnicista se tornou basilar na estruturação da sociedade dita moderna, tomemos alguns autores para elaborar nosso argumento. Buscamos ao movimento antropológico e também antropogênico suscitado por Giorgio Agamben (2017, p. 89-97) sobre a instrumentalidade da técnica. Em uma definição geral, técnica nada mais é que um agir humano voltado sobre um fim. Para a realização desses fins, instrumentos e utensílios são aplicados, mas para garantir ao vivente/homem/humano a vida política, a dominação de si e da natureza. Isso satisfaz toda a retórica implicada na estruturação do domínio do outro/escravo/máquina (enquanto estatuto jurídico).

Vejamos a recuperação de Agamben (2017) sobre a epistemologia aristotélica: as quatro causas, e aqui, façamos um levantamento estrito da nossas prerrogativas sobre as assistentes pessoais de Inteligência Artificial. A causa material, a linguagem de programação de qual o aparelho/assistente pessoal é feito; a causa formal, a forma [simbólica] da assistente pessoal; a causa final, a múltipla-finalidade informativa adquirida do aparelho; e a causa eficiente, a programação que produz o efeito, faz o software. Para pensarmos a particularidade da tecnologia, observamos o movimento teórico acontecido na idade média, onde a causa efetiva cinde-se em duas: a causa instrumental e a causa principal. A causa instrumental, o que a define, a exemplo da programação usada para fabricar e produzir as assistentes pessoais [AI], é a particularidade de sua ação. Por um lado ela não age em virtude própria mas em virtude do agente principal, a causa principal, que aqui é

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 5 - Igualdade de Gênero

dualmente, o consumidor da assistente pessoal e também o programador; enquanto realiza sua própria natureza (causa instrumental) é usada para fins de um outro (causa principal). Nesse sentido, a instrumentalidade é o primeiro indício do que chamamos de tecnologia no sentido em que pode ser empregada fins diversos.

Diferentemente da antiguidade onde o trabalho implicado desaparece em seu resultado e o instrumento na obra produzida/assistente pessoal (o instrumento/programação era tido como uma extensão própria do programador, e não algo extrínseco a ele com finalidades próprias), é nesse mesmo momento, do desenvolvimento teórico da causa instrumental, que surgem arreios para cavalos que são usados nas mais diversas atividades produtivas, ou no caso, nossas assistentes pessoais que funcionam como base comunicadora de uma grande rede [big data] de dados. Nesse sentido, o nexu histórico entre os entes/máquinas atravessados pelo instrumento animado é claro. Porém há mais um nexu, antropogênico, que garante o próprio viver humano: a vida política relacional com o mundo. Em relação ao mundo digital, podemos verificar que as máquinas não nos trouxeram a libertação do trabalho, muito pelo contrário, implicou em um aumento progressivo deste. Assim,

O escravo é, por um lado, um animal humano (ou um homem-animal) e, por outro, e na mesma medida, um instrumento vivo (ou um homem-instrumento). Assim, o escravo constitui, na história da antropogênese, um limiar duplo: nela a vida animal transpassa a vida humana, assim como o vivo (homem) transpassa para o inorgânico (instrumento), e vice-versa. A invenção da escravidão como instituto jurídico permitiu a captura do ser vivo e do uso do corpo nos sistemas produtivos, bloqueando temporariamente o desenvolvimento do instrumento tecnológico; sua abolição na modernidade libertou a possibilidade técnica, ou seja, do instrumento vivo. Ao mesmo tempo, enquanto sua relação com a natureza não é mais mediada por outro homem, mas por um dispositivo, o homem afastou-se do animal e do orgânico para se aproximar do instrumento e do inorgânico até quase identificar-se com ele (homem-máquina). Por isso – enquanto havia perdido, com o uso dos corpos, a relação imediata com a própria animalidade –, o homem moderno não pode apropriar-se realmente da liberdade com relação ao trabalho que as máquinas deveriam ter-lhe proporcionado. E, se a hipótese de um nexu constitutivo entre escravidão e técnica for correta, não causa espanto que a hipertrofia dos dispositivos tecnológicos tenha produzido uma nova e inaudita forma de escravidão (AGAMBEN, 2017, p. 102).

A máquina/tecnologia enquanto instrumento média o trabalho e por isso o exige. O nexu entre quem programa e se utiliza da AI, é o trabalho, quem alimenta o big data, trabalha, mesmo que afetivamente. Entendendo assim a causa eficiente cindida e suas problemáticas, não nos esquecemos das outras, enquanto teoria do acesso à realidade, estão essencialmente vinculadas entre si, em um nó que não pode ser desfeito. Prestemos atenção, por agora, na causa formal e seus aspectos simbólicos. A forma final das assistentes pessoais, qual é?

O pós-humanismo e a inteligência artificial

Antes de discorrer sobre a inteligência artificial, vejamos alguns giros históricos que nos levaram como humanidade a desenvolver códigos de alcance complexos. Observamos que o avanço científico, bem como seus instrumentos levou a uma autonomização temporal refletido na própria história (MAIA, 2017, p. 50). Desse modo, a tecnociência² ganha força com os ímpetos

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 5 - Igualdade de Gênero

globalizatórios; é na virada cibernética que os corpos/base são transformados em microempresas/mercadorias para desenvolvimento (estético e genético), um novo paralelo na construção de sentidos e estruturas, humanas e inumanas. A virada cibernética da década de sessenta é o período histórico em que as tecnologias se acoplam: ciência-técnica-capital, um novo motor de acumulação de híbridas fronteiras mas quantificáveis. É nesse momento que a máquina ganha espaço e relevância quanto parte da vida humana (acoplada ou não), transformando uma nova era da sociedade: os ciborgues, híbridos sociais. Um dos mais importantes manifestos aborda que:

Os ciborgues vivem de um lado e do outro da fronteira que separa (ainda) a máquina do organismo. Do lado do organismo: seres humanos que se tornam, em variados graus, artificiais. Do lado da máquina: seres artificiais que não apenas simulam características dos humanos, mas que se apresentam melhorados relativamente a esses últimos. De acordo com a taxonomia proposta por Gray, Mentor e Figueroa-Sarriera (1995, p. 3), as tecnologias ciborgues podem ser: 1. Restauradoras: permitem restaurar funções e substituir órgãos e membros perdidos; 2. Normatizadoras: retornam as criaturas a uma indiferente normalidade; 3. Reconfiguradas: criam criaturas pós-humanas que são iguais aos seres humanos e, ao mesmo tempo, diferentes deles; 4. Melhoradas: criam criaturas melhoradas, relativamente ao ser humano. [...] De um lado, a mecanização e a eletrificação do humano; de outro, a humanização e a subjetivação da máquina. É a combinação desses processos que nasce essa criatura pós-humana a que chamamos de ciborgues (HARAWAY; KUNZRU; TADEU, 2009, p. 11;12).

É no pós-humanismo que localizamos esses híbridos sociais, os ciborgues que dão forma e significam esse novo movimento analítico. Para além da estruturação dessas criaturas elétricas, o pós-humanismo se apoia na diferença e na diversidade, na luta pela linguagem contra a comunicação perfeita, contra o código único e universal. Em paralelo à este movimento, o transhumanismo se estabelece como uma corrente que busca o melhoramento humano em inúmeras facetas, sejam eles nos processos de melhoramento das capacidades humanas, seja em processos de retenção do envelhecimento. Os transhumanistas, como corrente são essencialmente iluministas por reclamarem de um ideal progressista, da liberdade individual para todos os humanos; é desse movimento que se articulam alguns tantos outros como os transhumanismo democrático (acesso igualitário a tecnologia); e os extropianos (progresso aberto de uma sociedade aberta baseada sobretudo na engenharia genética). Ademais, “[o] transhumano é um estágio intermediário entre o humano e o pós-humano, na medida em que é um ambiente melhorado, pode-se colocar a questão se nós, hoje em dia, não somos desde já transhumanos” (MAIA, 2017, p. 64).

Na transformação contínua do avanço da cognição humana, que sobretudo se desdobra nesta configuração filosófica, os humanos híbridos são vislumbres como adaptativos em diversos ambientes, como criatura/espécie flexível e fluida³. Após inúmeros debates e desenvolvimento teóricos envolvendo essas mudanças sistêmicas e também contingenciais da interação do humano-tecnologia, o pós-humanismo pode ser conceituado como “[um] movimento desarticulado de agrupamentos, concepções, filosofias e estilos de vida que ambiciona controlar o mundo e transcender a condição humana” (RUDIGER, 2007, p. 130). Deste eterno devir de mudanças, pensar dentro da lógica pós-humana nos convida a questionar o quanto de ciborgue já somos, correntes e circuitos que perpassam unidades, seja de humano e máquina, orgânico e inorgânico, somos híbridos complexo. Desse modo, como reflexo histórico “[a] tecnologia não é neutra. Estamos dentro daquilo que fazemos e aquilo que fazemos está dentro de nós. Vivemos em um mundo de conexões – e é

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 5 - Igualdade de Gênero

importante saber quem é que é feito e desfeito” (HARAWAY, KUNZRU, TADEU, 2009, p. 32).

É nessa construção de conexões e correntes que adentramos sobre a inteligência artificial. Sendo de material programado e de operacionalidade baseado na engenharia de códigos, foi desenvolvida por Alan Turing em 1950, uma teoria baseado num teste de capacidade de um computador, uma lógica essencialmente dialógica, de exibir uma inteligência artificial tal como um ser humano. Ao decorrer dos anos também se fundamentou dentro da área da computação as teorias da Interação Homem Computador (IHC) que se preocupa com a melhoria dessas relações⁴, primordialmente do acesso/matéria como o reconhecimento de gestos pela máquina. As assistentes pessoais, como máquinas são programadas com algoritmos de inteligência artificial, treinadas para comandos específicos fundamentalmente ao que tange ao diálogo entre usuário e a assistência. E essa é a questão fundamental da Inteligência Artificial é que essa tecnologia é uma constante em relação ao aprendizado no decorrer de sua utilização. Dentre as configurações de assistência e cuidado, como a ajuda do que comer e quando comer, a assistência já consegue controlar a irrigação da sua grama, informar sobre o trânsito e outras tantas necessidades de usuário. Nesse sentido, o que implica aqui na questão que se discorre é que além da causa final de prestar assistência o usuário ainda pode treinar [bases de dados] uma Inteligência Artificial, a causa principal da agência.

Nessa constante interação humano-máquina é a inteligência artificial que se aproxima cada vez mais de decisões humanas, sendo assim, replica estereótipos⁵ estruturantes de poder dentro da sociedade como racismo, questões de gênero e sexualidade. As principais assistentes pessoais, aqui neste trabalho já suscitadas como a Siri, a Alexa e Cortana são sustentadas em estereótipos serviços (afetuosas, educadas e subservientes). Essas constatações podem ser verificadas em inúmeros projetos de reconhecimento e relatórios. Entre os mais recentes estudos, o relatório apresentado no fim de 2019 durante o Fórum aberto para Formulação de Opções políticas para o desenvolvimento de Big Data e IA da UNESCO. Dentro desse relatório nos concentramos no capítulo sobre *Female Voice Assistants* (Assistentes de voz femininos, tradução literal). Esse estudo reforça que as assistentes pessoais, fundamentalmente as assistentes de voz são do gênero feminino, uma relação prejudicial que implica em uma permanência simbólica do papel dócil, ansiosa para ajudar e agradar. Esses processos estão implicados na projeção de discurso da sexualização e mercantilização histórica do trabalho de secretariado:

It might be argued that the reason why not creators primarily designed digital assistants as female is that customers prefer them to sound this way (Fessler, 2017). However, any such customer preference comes from the stereotype of women as being “by nature, more suited for service work” (Gustavsson, 2005). Siri and other digital assistants represent the automation of what has been traditionally female labour (Hester, 2016). This encompasses both the aspect of administrative/service labour and the aspect of emotional labour. In the secretarial/administrative assistance aspect, personal assistants perform tasks such as “reading, writing, sending emails, scheduling meetings, checking calendars and setting appointments, making calls, sending messages, taking notes, setting reminders, etc.” (da Costa, 2018). Service work is seen as being more feminine and there is an assumption that women are more suited for these jobs since they would have ‘natural’ qualities associated with them such as being caring, empathetic and altruistic (da Costa, 2018; Gustavsson, 2005). In the emotional labour aspect, personal assistants also fill the role of caregivers, as part of their function is also ensuring our well-being, thus fulfilling a motherly role. For example, Alexa can state Well, hello! I’m very glad you’re here when the user comes home; Cortana asks about the user’s day and calls the

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 5 - Igualdade de Gênero

user “friend” and Siri says that it “lives to serve” (da Costa, 2018). Therefore, they do not only fulfill administrative tasks, they also verbally demonstrate caregiving and emotional acts (UNESCO, 2019, p. 136).

O relatório *Closing Gender Divides in Digital Skills Through Education* buscou alternativas ativas para combater a essa problemática, convidou as empresas-capitais que codificam esses softwares como Google, Amazon, Apple e Microsoft para suspender a padronização dessas assistências digitais. Dentre as alternativas, explorar a viabilidade do desenvolvimento de uma máquina neutra de gênero para assistentes de voz que não seja nem masculino nem feminino; incentivar a criação de repositórios públicos de códigos de computador e taxonomias de fala sensíveis ao gênero; assistentes digitais do programa para desencorajar insultos baseados em gênero e linguagem abusiva; e, desenvolver as habilidades técnicas avançadas de mulheres e meninas para que possam orientar a criação de tecnologias de fronteira ao lado dos homens (UNESCO, 2019), que condiz com o avanço internacional na luta contra a desigualdade de gênero como verificamos na ODS 5, incluindo o setor digital codificador de produtos de tecnologia como referência nessa dinâmica.

Cuidado e afeto nos papéis de gênero dentro da sociedade patriarcalista

Como tratamos anteriormente no desenvolvimento desse escopo, a sociedade contemporânea se caracteriza como uma sociedade cansada e isso implica em inúmeras fissuras relacionais, uma delas é a formatação do desejo e a relação íntima com a solidão. Um dos autores que discorrem sobre o tema é Richard Miskolci que busca na genealogia do sujeito moderno essas incursões, onde as formas contemporâneas de auto-exame mantém a crença originário entre o desejo e ordenamento social, ponto nodal da sexualidade e dispositivo de poder regulado que produz institucionalmente heteronormatividades compulsórias. Resgatando Judith Butler, o autor discursa que “[o] desejo não tem objeto fixo, e que, portanto, seu direcionamento é circunstancial e se dá dentro de condições históricas e culturais que o direcionam a partir de interesse coletivos” (MISKOLCI, 2017, p. 29). Nesse sentido, esse giro tecnológico em conjunto com os movimentos plurais para autonomia de ser e dos corpos, feministas e LGBTQIA+ incorporam revoluções para mudança de estereótipos que configuraram a sociedade moderna.

Aqui retomamos o longa-metragem HER, no qual Theodore encontra-se sobretudo cansado – das rotinas e dos meios sociais – e encontra em sua assistente pessoal, uma AI conforto para sua solidão⁶. Esse plano de fundo não seria possível em outra sociedade senão essa contemporânea-tecnológica. Dentro da dinâmica do capital, os indivíduos relacionais estruturados dentro da dinâmica do mercado [oferta/demanda] evidenciam um exercício subjetivo numa rede de socialização individualizada (ILLOUZ, 2011). Interconectados por interfaces programadas, os indivíduos encontram um emaranhado de múltiplos contatos e possibilidades interativas, criam uma virtualidade real e acabam por produzir uma nova economia do desejo. “Desejos digitais hoje são possíveis por meio das técnicas e valores apropriados para a negociação de sua visibilidade, na qual o corpo e a performatividade que seguem regulações de gênero convencionais os que conferem a alguém o almejado reconhecimento como sujeito desejante, e, sobretudo desejável” (MISKOLCI, 2017, p. 182). Nesse plano de fundo em que a tecnologia se torna basilar na economia, o desejo passa a se reconfigurar em espaços e ciberespaços gentrificados em coletivos, quantificados em acessos.

Na reconfiguração dos espaços de desejo, o cuidado e a atenção ganham certa relevância quando vislumbres em uma sociedade cansada e solitária. Empreendendo e figurando simbolicamente essa

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 5 - Igualdade de Gênero

demanda, as assistentes pessoais demonstram verbalmente atos de cuidado emocional. Essas assistentes pessoais de voz, nesse sentido, passam a performar a noção estereotipada do feminino de que o trabalho de assistência e emocional estão ligados à mulher, biologicamente destinadas ao cumprimento. Isso se torna extremamente complicado quando incursionam os papéis de gênero na nossa sociedade, no qual essa voz feminina aporta um usabilidade subserviente (sem espaço de rejeição de serviço) do/da cliente, reforçando a ideia da tolerância contra assédio ou violência verbal. “These detrimental effects are supported by research which shows that the gender associations people adopt are contingent on the number of times people are exposed to them. As female voice assistants spread, people may learn to further equate women with assistants and see real women as assistants, treating them the same way” (UNESCO, 2019, p. 137).

Na composição teórica-conceitual desse ensaio, projetamos a seguir duas leituras dentro do feminismo que busca, de um lado, confirmar universalmente a ética do cuidado como frente para as mudanças na sociedade contemporânea; e de outro, a discussão das teóricas feministas marxistas sobre como a dinâmicas do trabalho imaterial dos afetos transforma a nossa sociedade, bem como a luta das mulheres. A primeira teoria que discorre sobre ética do cuidado, abarca os estudos do feminismo liberal de Carol Gilligan à Martha Nussbaum. Na obra de Gilligan (1997) a autora produz um argumento baseado em duas perspectivas distintas sobre compreensão moral: a perspectiva masculina, ou, o padrão moral da moralidade que se baseia na justiça, indivíduo e normativas universais; e a perspectiva feminina, ou, uma voz diferente do padrão de moralidade que se assenta na conexão, cuidado e normativas comuns. É desse modo, que as perspectivas da voz da moralidade são historicamente atreladas aos estereótipos do homem e da mulher.

Dentro da estrutura predominantemente patriarcal (hierarquização dual do mundo), Gilligan sustenta que a estrutura se utiliza constantemente do ato de silenciar as vozes diferentes, oprimindo a perspectiva feminina na ética, uma perspectiva vista como inferior. Nesse dualismo produzido pela estrutura predominante, as mulheres, atreladas às vozes do feminino ético, são vistas como inferiores e associadas ao sentimento e emoção; ao homem da voz padrão do masculino ético, a superioridade é resoluta quanto a racionalidade empregada ao estereótipo - uma característica de pertencimento. Assim é reproduzida uma estrutura hierarquizada de dominação, onde os homens são superiores em razão à sua racionalidade quase iluminada e as mulheres à submissão por serem emotivas, no caso, irracionais.

A ética do cuidado que discorre dessas considerações reivindicam um espaço para essa voz diferente, um espaço do feminino na sociedade baseada em uma racionalidade distinta da tradicional que moldou o sentido moderno de moralidade. Essa racionalidade que a autora defende é uma racionalidade baseada na conexão e no cuidado. As autoras que discorrem sobre a ética do cuidado são criticadas pelo próprio risco do conservadorismo na qual o império da voz diferente levaria a manutenção de submissão e a formatação de estereótipos: de que a mulher nasceu para cuidar (reflexo do materno), assim como, nossas assistentes pessoais. O que Gilligan (2011) projeta em seus estudos é a problemática da sociedade patriarcal fazer a manutenção estrita do homem e da voz padrão da racionalidade no ápice dessa hierarquia. Assim, em uma sociedade não-patriarcal, os corpos seriam livres de restrições de gênero para exercício das mais diferentes vozes morais, capazes de justiça ao cuidado responsável em todas as relações (KUHNEN, 2014, p. 3).

As autoras da ética do cuidado, nesse sentido, passam a defender que as diversas vozes devem ser complementares em perspectiva de concílio, uma maturidade moral. Gilligan por exemplo, “[sugere]

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 5 - Igualdade de Gênero

que a voz feminina necessita ser ouvida e que por meio da inserção das mulheres nas mais diversas instituições sociais torna-se cada vez mais fácil para mulheres e homens alcançarem o que ela denomina de maturidade moral” (KUHNEN, 2014, p. 4). É dentro dessa perspectiva institucional de abertura de diferentes vozes que a ética do cuidado surge como alternativa contributiva para superar a indiferença em questões da justiça altamente individualizada da nossa sociedade. A ética do cuidado aprimorada por Gilligan aponta para uma transformação das relações sociais, ampliação do sentido de moralidade para reconfiguração de espaços sociais como a fronteira do público e do privado.

Em meio a uma estrutura patriarcal, o cuidado é uma ética feminina. Em meio a uma estrutura democrática, o cuidado é uma ética humana. A ética do cuidado feminista é uma voz diferente em meio a cultura patriarcal porque ela junta razão com emoção, mente com corpo, self com relacionamentos, homens com mulheres, resistindo às divisões que mantém uma ordem patriarcal” (GILLIGAN, 2011, p. 22).

É nesse espaço de transformação dos espaços sociais que as feministas liberais apontam um importante questionamento: a entrada das mulheres no espaço público categoriza e produz plurais discussões antes não problematizadas. Tomamos o ideal das capacidades de Martha Nussbaum (2003) para tal. Consideradas como direitos humanos centrais, as capacidades detêm função dentro uma justiça social básica, onde renda e riqueza são bons representantes quando consideramos as diferentes necessidades que decorrem das posições sociais das pessoas. De acordo com Nussbaum, todos os cidadãos são detentores de direitos dentro de um ideal de justiça, e as capacidades seriam um mínimo ético adequado para tal alcance. Vejamos, o cuidado dentro dessa ideal de justiça para Nussbaum é um fator essencial. Para a autora, o cuidado está nas necessidades primárias dos cidadãos, cuja satisfação será a margem de uma sociedade dignamente justa. Para a autora, o cuidado deve ser individualizado, portanto, reconhecido como uma escolha real e não uma imposição da indiferença social (NUSSBAUM, 2013).

Na sociedade moderna vislumbramos o cuidado quase como uma normatividade implícita às mulheres - uma imposição. Essa sentença responde não apenas as teorias até aqui apresentadas, mas a todo um grande conjunto de reprodução de um trabalho social desempenhado no ambiente privado, mas também nas funcionalidade institucionais públicas de uma estrutura de não-acesso representativo para as mulheres. Podemos observar essas duas questões no relatório das Nações Unidas de 2018:

Outro aspecto importante é o reconhecimento e valorização do trabalho não remunerado realizado fundamentalmente pelas mulheres e que garante o funcionamento da cadeia reprodutiva no âmbito doméstico, que por sua vez sustenta e provê as bases para o funcionamento da economia produtiva no âmbito público. É fundamental contabilizar e reconhecer o valor econômico desse trabalho e recompensar as mulheres por sua contribuição social. [...] Promover a participação política das mulheres também requer o fortalecimento do controle social que pressione e monitore o cumprimento de ações de promoção da igualdade de gênero pelos atores públicos e também privados. Fortalecer a sociedade civil organizada, apoiar sua sustentabilidade organizativa e financeira e garantir espaços de diálogo para sua incidência política no desenho e monitoramento de políticas é o caminho para o constante monitoramento dos temas na agenda pública para a transformação social desejada (ONU, 2018, p. 15;16).

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 5 - Igualdade de Gênero

Nesse melhoramento das agendas públicas para o desenvolvimento mais igualitário da sociedade, vislumbramos na reprodução do estereótipo do cuidado das assistentes pessoais uma problemática decorrente da nossa sociedade, como um espelho, a tecnologia programada da inteligência artificial é reflexo das problemáticas humanas. Mesmo que a ética do cuidado possa ser repensada como uma transformação moral da sociedade, ainda esbarramos em algumas contradições de reprodução quanto ao papel de gênero em uma sociedade hierarquizada não só por ser patriarcal mas por ser classista-capitalista. O patriarcalismo assim, sustenta toda essa estrutura de poder e se utilizando desses papéis, retifica a posição normatizada de mulheres quanto ao cuidado. Observamos, que as indagações de Gilligan e Nussbaum apesar de levantarem argumentos sólidos para uma transformação social, ainda baseiam na ética do cuidado uma perspectiva binária, reificando o papel absoluto do feminino frente ao cuidado dentro dos parâmetros patriarcalistas. O melhor exemplo aqui demonstrado é a disposição programada das assistentes pessoais performam um papel de mulheres-secretárias. Implicado pelos dispositivos de alcance universal dos softwares, a inteligência artificial de assistência se apresenta como uma disposição simbólica relacional desse papel, o qual, inúmeros movimentos e instituições buscam romper.

Outra leitura importante sobre a problemática é a questão do trabalho afetivo e emocional, na qual a teórica do feminismo marxista Silvia Federici elabora alguns questionamentos. A categoria do trabalho afetivo é importante por ser usado em novas atividades do setor de serviço da era pós-fordista, mas detém implicações por ser um aspecto da teoria da teoria do trabalho imaterial dos autores já inscritos. Para Hardt e Negri (2001) a superestrutura se reconfigurou em uma nova ordem econômica, o pós-capitalismo. Essa reconfiguração implicou em arranjos de trabalho mais autônomo em relação ao capital, onde as revoluções da informática e da informação formataram as bases “[em] que a ciência se torna a principal força produtiva, e o componente cognitivo/cultural das mercadorias é combustível do processo de valorização, de modo que o trabalho imaterial se torna a forma dominante de trabalho” (FEDERICI, 2019, p. 327). Nessa produção pós-capitalista onde os produtos são códigos, dados, símbolos e imagens, o trabalho imaterial institui uma relação positiva qualitativamente nova entre o trabalho e o capital; por falta de objetividade prática, essas outras considerações sobre a estrutura e o trabalho imaterial genérico não serão abordadas neste ensaio. Retomamos sobre a questão específica do afeto⁷ como parte circular da produção pós-capitalista. Para a autora

[o] trabalho afetivo tem uma dimensão sociológica e ontológica. Da mesma forma que a parte cognitiva do trabalho imaterial é concretizada nas atividades geradas pela informatização do trabalho e pela internet, o trabalho afetivo é frequentemente citado como descrevendo atividades no setor como descrevendo atividades no setor de serviços, especialmente referentes à comercialização da reprodução (FEDERICI, 2019, p. 340).

Nessa mercantilização das emoções, o trabalho emotivo responde a uma demanda do lidar com as pessoas ao invés das coisas. Essa categoria do trabalho emocional caracterizado por Arlie Hochschild (1983) aborda que essa mudança está fundamentalmente ligada às consequências imperativas do pós-capitalismo, na qual baseia-se “[na] comercialização de serviços que a família costumava fornecer, mas que foram retirados de casa após a entrada massiva das mulheres na força de trabalho assalariada” (FEDERICI, 2019, p. 341). Nesse sentido, o conceito de trabalho afetivo é aquele que produz e manipula afetos, trazendo sentimento de alívio, bem-estar, satisfação ao consumidor. Mas um ponto essencial entre os argumentos é que Hochschild aponta que as mulheres sempre transformaram suas emoções em valores ativos, e que o crescimento da demanda do trabalho

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 5 - Igualdade de Gênero

emocional é de valor instrumental para as mulheres desde que são crianças. Problemática ou não, essa é uma questão a ser analisada à posteriori.

Uma de suas principais preocupações é a crise do cuidado desencadeado pelo trabalho assalariado das mulheres, devido à ausência de mudanças nos locais de trabalho (remunerado) e à falta de aumento no apoio institucional para o trabalho reprodutivo. [...] Embora os exemplos de trabalho afetivo sejam tirados de empregos no setor serviços geralmente executados por mulheres e sejam rotulados como trabalho feminino, o trabalho afetivo não descreve uma forma de trabalho generificada. Pelo contrário, como vimos, trata-se de um componente da maioria das formas de trabalho imaterial, que supostamente são cada vez mais comunicativas, interativas e produtoras de relações sociais (FEDERICI, 2019, p. 342;343).

Compreendendo essas afirmações, podemos verificar que a feminização do trabalho, ou, o trabalho afetivo como tal vêm sendo generificado na era pós-capitalista. Mesmo que sejam historicamente especificadas ao gênero do feminino, o trabalho afetivo como referência da procriação ao cuidado infantil, remunerado ou não, fora ou dentro de casa, é estabelecido como o maior espaço comum de encontro de mulheres. São essas mesmas mulheres destes espaços específicos, cis e transgêneres que vêm lutando e combatendo os estereótipos de gênero, seja institucionalmente por reconhecimento e/ou assistência, seja por um movimento de libertação destas funções, lançando muitas das atividades domésticas por exemplo, para o mercado de trabalho. A autora assume ainda que essa generalização do trabalho afetivo para toda formatação de trabalho acabam muitas vezes por invisibilizar lutas das mulheres. Essa problemática deve aqui ser reconhecida pois, são nestes trabalhos afetivos que se encontram as novas tecnologias como a inteligência artificial. São destes espaços que surgem as novas pautas de enfrentamento da desigualdade de gênero.

Somente quando pensamos no trabalho afetivo como trabalho reprodutivo em sua função dupla e contraditória, como reprodução de seres humanos e reprodução da força de trabalho, é que podemos imaginar formas de luta e recusa que fortaleçam as pessoas que cuidamos, em vez de destruí-las. A lição do movimento feminista tem sido crucial nesse sentido, já que reconhece que a recusa das mulheres em relação à exploração e à chantagem emocional, que está no cerne do trabalho doméstico não remunerado, bem como do trabalho de cuidado remunerado, liberta também quem depende deste trabalho (FEDERICI, 2019, p. 352).

Deste rompimento com os papéis de gênero, muitas feministas da área da tecnologia, uma esfera ainda habitada massivamente por homens, vêm rompendo com estes estereótipos com o desenvolvimento de projetos inovadores. Um dos exemplos que contempla a questão das assistentes pessoais é que em 2019 uma coalizão de ativistas da causa se uniu para construir uma voz de AI não-binária denominada Q, eliminando assim a simbólica relação entre o feminino e a assistência/cuidado. “However, success in terms of technological innovation should not be oblivious to the material realities upon which digital tools are constructed (the representation, status and work conditions of women in the tech industry)” (UNESCO, 2019, p. 139).

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Visto os questionamentos teóricos-expositivos, procuramos neste ensaio enfatizar algumas mudanças presentes da nossa sociedade. Dentre as mudanças mais impactantes na nossas vidas e cotidianos,

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 5 - Igualdade de Gênero

o uso corrente e diário das novas tecnologias de comunicação e informação. Exploramos algumas planos de fundo de como isso transmuta nosso imaginário, sentidos e também desenvolve uma mudança na economia do desejo. Analisamos através da história de Theodore um exemplo, mas quantos outros são vislumbres no dia-a-dia, aplicativos e celulares são quase extensões do nosso self. Nossas identidades estão mudando, assim como o próprio trabalho, nossa organização social, a formação de coletivos, as representações, nossos sistemas políticos, nossa forma de cuidar e também de amar. Visto todas essas configurações, para as considerações preliminares deste projeto aberto, levantamos algumas questões que foram debatidas ao corpo do texto e que poderão ser apreciadas posteriormente. Em relação ao alcance-problema desse ensaio, verificamos que:

1) a questão da ética do cuidado evidenciar que as concepções do constructo imagético da sociedade do feminino está situado na mulher (totalizante e generalizada), deve ser constantemente problematizada pelos movimentos sociais e também pela academia, pois assim como foi algo estruturalmente construído simbolicamente, pode ser rompido; 2) sabemos também que a questão do estereótipo, levantada no texto, pela pressão da querela feminina dentro dos papéis quase que “ímanentes” das mulheres, respondem não só inúmeras violências ao desenvolvimento de meninas e mulheres, mas assola, como observamos, uma cultura que se assenta na desigualdade de gêneros na nossa sociedade patriarcalista; 3) a causa formal através da qual as assistentes pessoais se apresentam é predominantemente feminina. A passagem do segundo sexo estrutural para o simbólico das inteligências artificiais diz sobre como a pauta de gênero, quando não tematizada e superada, transmuta para os campos do desenvolvimento humano, incluindo o tecnológico. Não entender isso, é não entender completamente o que é, e o que pode ser, a tecnologia; 4) dos exemplos que trazemos, a questão cultural da mulher que cuida e que assiste refletida nas assistentes pessoais de inteligência artificial. Sabemos que esses softwares são programados e que aprendem cotidianamente (podem ser treinados). Como parte de uma cadeia industrial, essas novas tecnologias respondem também à consumidores, reforçando uma cultura estereotipada e dimensionada numa visão de que - o feminino é servil - humano ou máquina. Para tanto, a necessidade do posicionamento dessas empresas detentoras desse capital se posicionarem. 5) Observamos também, ao decorrer do texto, que as empresas detentoras destes softwares estão sendo chamadas através de relatórios das Nações Unidas, bem como de seu organismo internacional UNESCO, para projetar movimentos/tecnologias que suscitam contra a desigualdade de gênero. E por fim, 6) Constatamos dentro da agenda da ODS um planejamento específico para as tecnologias na vida e no desenvolvimento das mulheres, o que é essencial para a luta contra a desigualdade, além de ser simbólico por ser um instrumento de discussões multilaterais para o desenvolvimento de uma comunidade internacional mais humanamente ética.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. O uso dos corpos. São Paulo: Boitempo, 2017.

ANTUNES DE JESUS, Carolina et al. Estereótipos de gênero e seus impactos na psique humana. Revista Científica Sophia, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 67-84, jul. 2020. ISSN 2317-3270. Disponível em: <<http://ojs.avantis.edu.br/index.php/sophia/article/view/76>>. Acesso em: 29 jul. 2020.

CARVALHO, José Oscar F. De. O papel da interação humano-computador na inclusão digital. In: Transinformação, Campinas, 2003.

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 5 - Igualdade de Gênero

DUNKER, Christian. Reinvenção da intimidade. Ubu Editora LTDA-ME, 2018.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. império. Record, 2001.

FEDERICI, Silvia. O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo: Elefante, 2019.

GILLIGAN, C. In a Different Voice: Psychological Theory and Women's Development. Cambridge: Harvard, 1982.

GILLIGAN, C. Teoria psicológica e desenvolvimento da mulher. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

GILLIGAN, C. Joining the Resistance. Cambridge: Polity Press, 2011.

HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. Petrópolis: Vozes, 2015.

HUI, Yuk. On the Existence of Digital Objects. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 2016.

HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz. Antropologia ciborgue: as vertigens do pós-humanismo. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

HOCHSCHILD, Arlie Russell. The managed heart: Commercialization of human feeling. Berkeley: University of California Press, 1983.

ILLOUZ, Eva. O amor em tempos de capitalismo. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

JASPER, James M. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. A sociologia das emoções face a face. RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 17, n. 51, p. 13-26, dezembro de 2018 ISSN 1676 8965.

KUHLEN, Tânia A. A ética do cuidado como teoria feminista. Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas, ISSN 2177-8248 Universidade Estadual de Londrina, 27 a 29 de maio de 2014.

MAIA, João J. M. Humano, pós-humano e transhumano: fronteiras dúbias e indefinidas num mundo desigual: In: Revista de História das Ideias, 2017. DOI: http://doi.org/10.14195/2183-8935_35_3.

NUSSBAUM, Martha. Capabilities as fundamental entitlements: Sen and social justice. Feminist economics, v. 9, n. 2-3, p. 33-59, 2003.

NUSSBAUM, Martha. Fronteiras da justiça: deficiência, nacionalidade, pertencimento à espécie. tradução de Susana de Castro. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

MESSIAS, José; MUSSA, Ivan. Por uma epistemologia da gambiarra: invenção, complexidade e paradoxo nos objetos técnicos digitais. In: MATRIZES, 2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v14i1p173-192>. MISKOLCI, Richard. Desejos digitais: uma análise sociológica da

Evento: XXV Jornada de Pesquisa
ODS: 5 - Igualdade de Gênero

busca por parceiros on-line. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

MOSTAFA, Joana; REZENDE, Marcela; FONTOURA, Natália. ODS 5: Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas: o que mostra o retrato do Brasil?. In: IPEA. 2019. Disponível em <http://www.ipea.gov.br/portal/>. Acesso em 13 de jul de 2020. ONU. Direitos Humanos das Mulheres. 2018. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2018/08/Position-Paper-Direitos-Humanos-das-Mulheres.pdf> Acesso em: 13 de jul de 2020.

PITTA, Maurício Fernando; WEBER, José Fernandes. Conquistar o Tertium Datur: Sloterdijk Em defesa de uma “antropologia cibernética” (entre Heidegger, Günther e Latour). In: Trans/Form/Ação, Marília, v. 43, n. 1, p. 189-212, mar de 2020.

RUDIGER, Francisco. Breve história do pós-humanismo: Elementos da genealogia e criticismo. In: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2007.

ZYLBERSZTAJN, Pedro. Formato governa o acesso: a poética computacional de Dennis Tenen (2017). In: Internet&Sociedade, 2020.

UNESCO. Steering ai and advanced icts for knowledge societies: A rights, openness, access and multi-stakeholder perspective. France, 2019.

NOTAS

1 “Segundo Arendt, a sociedade moderna, enquanto sociedade do trabalho, aniquila toda possibilidade de agir, degradando o homem a um animal laborans – um animal trabalhador. O agir ocasiona ativamente novos processos. O homem moderno, ao contrário, estaria passivamente exposto ao processo anônimo da vida” (HAN, 2015, p. 41).

2 “A virada cibernética torna-se a quintessência do controle e da dominação ao converter o modo de acesso ao plano molecular do finito ilimitado, plano da informação digital e genética, em arma contra a natureza e as culturas, todas as culturas, à exceção da técnico-científica. Temos assim, a natureza como informação disponível aos processos de recuperação, processamento e armazenamento de informação possibilitados pela máquina universal (o computador eletrônico digital, programável, multiuso e de alto rendimentos)” (MAIA, 2017, p. 55;56).

3 “O aparecimento de lutas sobre a experimentação científica, sobre o sentido da pesquisa biogenética, pelos recursos públicos investidos em tecnologia, pelo reconhecimento de novos direitos, por mudanças de sexo, pela reprodução artificial, sobre a exploração do próprio corpo, o consumo de drogas, etc é sinal de que a cibercultura provavelmente será o cenário de uma redefinição de que seremos e do que implica o poder na era da técnica mecanicista” (RUDIGER, 2007, p. 15).

4 “[os] agentes devem oferecer conhecimento de especialista, habilidade e trabalho. Devem necessariamente ser capazes de entender as necessidades e objetivos do usuário em relação a eles, traduzindo tais objetivos para um conjunto apropriado de ações e proporcionar resultados que possam ser usados pelo usuário. Devem também saber quando certas informações são necessárias para seus usuários e como fornecê-las. Na vida real, os agentes seriam secretários, jardineiros,

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 5 - Igualdade de Gênero

artesãos, professores, bibliotecários e contadores ou qualquer pessoa que execute ações para outra pessoa com a sua permissão. Os agentes de interface são apropriados para executar tarefas similares aos agentes da vida real, ou seja, tarefas que requeiram conhecimento, habilidade e recursos ou o trabalho necessário para que seu usuário atinja um objetivo, porém não está disposto ou está impossibilitado de fazê-lo. Este paradigma depende do avanço na área de Inteligência Artificial” (CARVALHO, 2003, p. 85).

5 “Estereótipos, dentro do campo social, são conteúdos mentais simbólicos que influenciam a percepção e a interpretação de informações de fatores sociais e as tomadas de decisões, agindo de forma determinante na construção de uma realidade individual” (ANTUNES et al, 2019, p. 72).

6 “Déficits e excessos de individualização revelam-se na própria experiência de sofrimento e na forma de fugir e negá-la. Isso aparece, por exemplo, na tendência à hiper socialização, a disposição a ficar permanentemente ligado, ocupado ou disponível, como na impotência para constituir situações e percursos de real solidão ou intimidade. Como toda política, ela faz um corpo, ela cria unidades de discurso, ela define um coletivo identificado por um mesmo traço ou uma mesma suposição de desejo ou de demanda. Cada experiência de sofrimento é uma história que se transforma na medida em que é contada. Uma história ruim pede uma pior; a luta feroz por qualificar seu sofrimento como legítimo tornou-se uma das gramáticas morais mais importantes da nossa época. Sofrer com o outro ou sofrer do outro são os dois pólos dessa gramática contagiosa. O sofrimento solitário e o sofrimento coletivo chocam-se nesse ponto, em que a escrita de uma história transforma o seu autor” (DUNKER, 2018, s.p.).

7 “Afeto não significa um sentimento de ternura ou amor. Significa, antes, nossa capacidade de interação, nossa capacidade de movimento e de sermos movidos em um fluxo interminável de trocas e encontros que supostamente expandem nossos poder e demonstram não apenas a infinita produtividade de nosso ser, mas também o caráter transformador e, portanto, já políticos - da vida cotidiana. [...] É assim que leio a tese de que o capitalismo contemporâneo a afetividade se tornou componente de toda forma de trabalho, pois o trabalho imaterial é altamente interativo e mobiliza não apenas a energia física, mas toda a subjetividade dos trabalhadores” (FEDERICI, 2019, p. 338;339).

Parecer CEUA: 3.069.588